

PANORAMA ECONÔMICO



FLÁVIA OLIVEIRA (interina)

A linha vem aí

• Um ano atrás, o governo montou um grupo de estudos para calcular a primeira linha de pobreza oficial do Brasil. O debate esbarrou em limitações técnicas que acabam nas próximas semanas, quando o IBGE divulgar sua Pesquisa de Orçamento Familiar. Em pouco tempo, o país será apresentado ao valor que será referência nos programas sociais e nas metas de redução da pobreza e da miséria.

No fim de 2003, o grupo sugeriu que o governo mantivesse as frações do salário-mínimo como base de seus programas sociais. Mas a idéia de estabelecer uma linha oficial de pobreza jamais foi abandonada, segundo Cláudio Roquete, do recém-criado Ministério do Desenvolvimento Social.

Mesmo ressaltando o caráter arbitrário da linha, especialistas em estudos de pobreza e desigualdade reconhecem sua importância. Os EUA, por exemplo, têm a sua desde os anos 60. Francisco Ferreira, economista do Banco Mundial, afirma que se trata de uma ferramenta importante para a sociedade acompanhar a evolução da pobreza:

— É difícil argumentar que a pessoa um centavo acima da linha é tão diferente da que está um centavo abaixo. Mas é melhor ter um valor de referência calculado para isso do que usar o salário-mínimo, que nada tem a ver com pobreza. É uma variável de política pública para influenciar o

mercado de trabalho.

Marcelo Medeiros, do Ipea, acha que a linha é importante como referência para balizar pesquisas e o acompanhamento de políticas. Mas não concorda que a linha seja usada para identificar beneficiários de políticas públicas:

— Uma linha baseada em renda é importante em estudos, mas pode ser uma armadilha na hora de identificar os alvos das políticas. Mais do que a renda, é preciso conhecer a necessidade de cada família.

Chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV, Marcelo Neri, defende a adoção de uma linha universal, como a que a ONU adota no cálculo de suas Metas do Milênio, de um ou dois dólares corrigidos pela paridade do poder de compra. Na tabela abaixo, Neri comparou diferentes várias linhas e seus efeitos no número de miseráveis:

— Proponho uma linha internacional de longo prazo, que seja da sociedade, não de um governo.

Editoria de Arte

As medidas da miséria

Tipo de linha	R\$	Proporção de miseráveis	Total de miseráveis
US\$ 1 ppp	30,23	13,47%	22,748 milhões
US\$ 2 ppp	60,46	25,84%	43,639 milhões
FGV	79,14	33,15%	55,984 milhões
1/4 do salário-mínimo	37,75	16,59%	28,017 milhões
1/2 salário-mínimo	75,50	31,64%	53,434 milhões
Um salário-mínimo	151	53,85%	90,942 milhões

FONTE: Centro de Políticas Sociais da FGV, com base nos dados do Censo 2000 (IBGE)